

Memórias da Plantação: episódios de racismo quotidiano



**[Elementos de Autocrítica]
ten-coronel Manuel Bernardo Gondola**

“Racismo não é a falta de informação sobre o outro como acredita o senso comum, mas sim é projecção branca de informações indesejáveis no outro” (Grada Kilomba).

Hoje, eu trouxe para apresentar para figura do ano 20[22] a escritora de(s)colonial Grada Kilomba, e o seu livro incrível «Memória da Plantação», que é o seu livro mais conhecido publicado originalmente em 20[08]. A Grada Kilomba é uma portuguesa, mas a sua família é de origem angolana e também de São Tomé Príncipe, e ela vai falar bastante do racismo ligado a colonização é um livro teórico de cunho anti-racista e anti-colonialista. A Grada Kilomba é uma psiquicanalista, é uma artista multidisciplinar, pesquisadora e escritora.

O livro nasce, a partir da escrita da sua tese de doutoramento que foi em filosofia na Universidade livre de Berlim. Então, ela vai falar do racismo numa perspectiva que uni a psicanálise a uma abordagem fenomenológica. A Grada Kilomba, entrevistou uma série de mulheres negras na Europa em especial na Alemanha, porque é onde ela foi fazer o doutoramento e, ela vai falar que muito da importância de fazer teoria sobre o racismo, teoria anti-racista, a partir da experiência individual de como é impossível falar de racismo sem abordar a experiência individual e toda resistência, que essa abordagem tem na Academia.

Vários trabalhos de cunho psicológico e psicanalítico esbarram com essa dificuldade na Academia por pessoas que julgam o trabalho pouco científico, por conta do método, por conta do recorte, por conta do objecto que é estudado e a Grada Kilomba, passou por uma situação muito parecida pelo facto, dela abordar a experiência individual de pessoas, experiência subjectiva partindo numa abordagem subjectiva, porque ela também foi vítima de racismo inúmeras vezes.

A Grada Kilomba, fala da dificuldade dela de viver em Portugal, Lisboa e fala sobre como em Portugal, ela viveu inúmeros episódios de racismo e de discriminação, ela

fala muito desse processo de discriminar o outro e como isso numa certa forma norteou sua prática e o seu estudo e esse trabalho que é esse misto de análise psicanalítica e filosófica numa abordagem fenomenológica que ela faz na sua tese.

É na Alemanha onde ela vai estudar, entrevista várias mulheres e escolhe da entrevista duas mulheres, que do ponto de vista dela elucidam melhor os casos de racismo, porque elas são muito variadas são episódios de racismo que se dão de modo muito variado e permitem elucidar uma lógica por trás desse processo estrutural do racismo

O livro da Grada, começa com uma explicação sobre a linguagem, porque ela escreve esse livro em inglês, no livro ela fala sobre o facto do inglês ter muito mais termos neutros do que, a língua portuguesa. A língua portuguesa em grande medida é organizada em palavras masculinas e femininas e como isso era um problema, uma vez que, ela estava preocupada em de(s)colonizar a própria língua e, ela vai mostrar como o português é muito marcado por esse imaginário da colonização, que desumaniza, inferioriza um grupo de pessoas, como por exemplo; a palavra '*mulato*' tem origem no cruzamento numa mula com um outro animal diferente e '*mestiço*' tem a ver com o cruzamento de cães, contudo, essa nomenclatura que era usada para se referir a animais passa a ser usada para se referir a pessoas.

Então, ela vai explicar essa questão das palavras, da colonização impregna a própria língua e, nesse processo de traduzir o livro para o português, que foi um processo simultâneo da tradução para o Brasil e Portugal, dessas dificuldades do modo como ela vai escolher e retratar certas palavras, porque uma vez, que ela quer de(s)colonizar a língua, ela não quer reproduzir opressões históricas, ela não grafa do modo tradicional uma série de palavras como por exemplo, '*mulato*', '*mestiço*' e uma outra palavra que tem conotação muito pesada no inglês e que tem um equivalente no alemão e que ela nunca grafa por inteira usando um «N».

Em seguida ela vai explicar uns conceitos muito interessantes sobre como o racismo se desenvolve, se organiza. Ela começa falando sobre esse processo de projecção, como você projecta num outro grupo aquilo que você julga negativo, e o racismo teve um momento de crença numa superioridade racial, então ele durante um tempo foi explicado por uma certa biologia, uma '*visão*' equivocada da biologia de que, uma raça era melhor que a outra, outra inferior e com o tempo ela vai mudando.

Nesse sentido, ela mostra como o racismo nem sempre se mantém sobre a mesma lógica ou com a mesma organização lógica e, como há muito de projecção nesse grupo, o racismo como um processo discursivo, então você vai fazer uma série de associações de coisas negativas e vai atribuindo essas coisas negativas a um grupo específico no caso aqui é um grupo de pessoas negras.

Por isso, esse processo vai estigmatizando pessoas negras, vai de certo modo até desumanizando as pessoas negras. Ela explica como na Alemanha o processo de racismo foi mudando e foi mudando desse foco biológico duma raça superior a outra, para um processo territorialista em que, o racismo se finca no facto das pessoas serem estrangeiras, ou seja, um racismo que se assemelha mais a uma xenofobia e ela se beneficia de vários autores, como a feminista norte-americana Bell Hooks e o famosíssimo Frantz Fanon por escrever textos filosóficos e psiquianalistas sobre o racismo, também cita o Freud.

Ela vai falar muito sobre os processos de negação, de regressão, de deslocamento, de alienação, eu não vou explicar esses termos, porque não sou psicólogo, pois provavelmente poderia incorrer em alguma inconsistência. Mas, ela vai explicar, como por exemplo, muitas vezes quando uma pessoa acha que está negando algo, que tenciona, mas que está afirmando, de como muitas vezes ela transfere para grupos específicos certas características que quem na verdade tem é ela mesma.

É muito interessante, porque esse livro de alguma forma nos dá ferramentas para entender outros processos discriminatórios como homofobia...e tem um processo bastante específico, que ela cita que é interessantíssimo que é um processo descrito originalmente por Frantz Fanon, que é, o da triangulação de como o racismo se dá, sempre você tem um branco cometendo um acto racista, um negro sofrendo um acto racista e um terceiro elemento que é uma espécie da plateia, e essa plateia pode ser uma pessoa branca que presencia e não faz nada, pode ser um consenso quando a pessoa se refere a outra pessoa para validar o que ela está falando.

De modo que, é muito interessante eu nunca tinha ouvido falar sobre isso, mas é um conceito de Fanon, que ela nos apresenta e mostra que no caso dessas entrevistadas situações de que, elas passaram por essa dinâmica da triangulação.

E as entrevistadas, uma é afro-americana e uma afro-alemã, as duas residentes na Alemanha e, eu fiquei pensando como deve ser pesado viver o racismo num país

Europeu, num dos países colonizadores, porque nós aqui temos a experiência de ser o país colonizado, mas eu fico imaginando que deve ser diferente essa dinâmica.

Então, tanto no caso da Grada que vivia em Portugal, quanto dessas mulheres que viviam na Alemanha, eu fico pensando que deve ser tenso e em especial, porque Alemanha como todo o mundo sabe tem esse histórico como o nazismo, como uma ideia de supremacia branca eu imagino que seja uma experiência muito pesada.

Essas moças, que são entrevistadas vão falar de várias situações ilustrativas e profundamente traumáticas envolvendo, o facto de que, os locais não aceitam que elas sejam alemãs, por exemplo essa moça que é afro-alemã, que é nascida na Alemanha, ela narra como que o tempo todo as pessoas perguntam de onde ela é, ou seja, as pessoas não conseguem aceitar que ela seja alemã e ficam insistindo até que ela reconheça, que seja de origem africana e algumas vezes perguntam de onde da África. Até que, muitas das pessoas não sabem exactamente de que países vieram da África, foram mais de [12] milhões de pessoas sequestradas e enfiadas em navios negreiros, também chamados de tumbeiros flutuantes e que atravessaram o Atlântico no período de mais de [3] séculos para isso foi necessário mais [36.000] viagens.

E, as pessoas brancas que ficam insistindo para que a pessoa negra diga de onde que sua família veio da África ou ela está sendo muito cruel ou ela está sofrendo duma profunda amnésia histórica, porque ficar nessa insistência que a pessoa diga de que, país da África que ela veio, quando é bem provável que boa parte dos negros na diáspora não saibam a sua origem.

A Grada, vai comentando, a partir das experiências dessas mulheres, o facto de negros serem considerados '*pessoas exóticas*' ou '*pessoas incivilizadas*', como o racismo vai passando por essas percepções de como o processo de alienação, que acontece com as pessoas negras é um processo de identificar características boas somente nos brancos e duma certa forma uma híper valorização de branquitude e que acontece muitas vezes com as próprias pessoas negras, que reconhecem uma certa inferioridade a ponto de assimilarem a branquitude e achar que ser branco é melhor que ser negro.

As reflexões e as personagens vão nos fazer refletir sobre uma série de coisas, sobre como por exemplo, as marcas de '*negritude*' como cabelo crespo foram consideradas

inferiores e, como as pessoas muitas vezes tem comportamentos muito estranhos em relação as pessoas negras, inclusive de invasão do espaço como por exemplo, tocar o cabelo da pessoa para saber como é e...enfim...coisas extremamente desrespeitosas. Ela vai falar um pouco da segregação espacial de como certos negros são espacialmente segregados em certos bairros, em certas partes da cidade, e aqui ela está falando dum contexto principalmente europeu de Portugal e Alemanha.

Sobre Academia Grada, vai defender que a Academia, a Universidade não é um espaço neutro nem tão pouco um espaço de produção de conhecimento, de sabedoria e erudição é sobretudo um espaço de violência. Quando a Academia fala é algo científico, quando nós que estamos fora da Academia falamos ou que não representamos Academia propriamente dita é algo a científico.

Grada, defende que qualquer forma de saber, que não esteja engessada numa forma de conhecimento eurocêntrica acaba sendo negligenciada ou até mesmo rejeitada, sob o argumento de não constituir uma '*ciência credível*'. Grada, defende, que a ciência não é um simples estudo a político da verdade, mas sim a reprodução de relações raciais e de poder o que acabam ditando quem deve ser considerado de verdade, quem não.

A Grada é sem rodeio nenhum ela diz com todas as letras que, não há discursos neutros nós sempre falamos de um lugar e um tempo específico, duma história e duma realidade específica. Para Grada, quando produzimos um conhecimento, nossos discursos não apenas incorporam palavras de luta, mas também de dor; a dor da opressão.

Grada, também compartilha connosco no decorrer do seu livro experiência pessoal como mulher negra e doutoranda na Alemanha, tanto como se deu o processo selectivo quanto o próprio doutoramento em si. E, um dos episódios ela vai relatar como na sua primeira ida a biblioteca da Universidade Livre de Berlim, foi questionada por um funcionário; "*se ela não sabia que aquele local ali era só para estudantes?*" Grada, foi s única estudante negra no Departamento de psicologia por cinco anos.

De modo tendencioso, o racismo é visto apenas como uma coisa do passado, uma coisa externa não no centro, mas na margem da política europeia, mas a Grada nos lembra que ainda hoje o racismo é uma realidade violenta usada como *modus operandi* de fazer política em toda Europa, isso começou com projecto europeu de

escravização, continuo com o projecto europeu de colonialismo até chegarmos no actual fortaleza Europa e toda sua 'ojeriza' a imigrantes, a imigrantes negros.

Para Grada, a realidade experimentada pelo racismo, nos encontros subjectivos, as experiências, as lutas, o conhecimento, a compreensão e os sentimentos dos negros no que diz respeito ao racismo, destarte como as cicatrizes psíquicas que o racismo produz tem sido amplamente negligenciada.

Antes de seguir para o final do livro é importante fazer um destaque aqui para as definições que a Grada kilomba, utiliza para falar sobre o racismo.

Racismo estrutural

«Revela-se, a um nível estrutural, na exclusão das pessoas negras e de cor da maioria das estruturas sociais e políticas. O funcionamento das estruturas oficiais privilegia notoriamente os seus sujeitos brancos, deixando os membros de outros grupos racializados em evidente desvantagem, fora das estruturas dominantes, a isto se chama racismo estrutural».

Racismo institucional

«como termo institucional implica, racismo institucional sublinha, que o racismo não é um fenómeno apenas ideológico, mas também institucionalizado. Refere-se a um padrão de tratamento desigual em operações quotidianas como; sistema educativo, agendas educacionais, mercado do trabalho, justiça criminal e serviços. O racismo institucional opera de maneira a pôr os sujeitos brancos em clara vantagem, quando comparados com outros grupos racializados».

Racismo quotidiano

«O racismo quotidiano refere-se o vocabulário, discursos, imagens, gestos, acções e olhares que posicionam o sujeito negro e as pessoas de cor não apenas como outros a diferença contra a qual se mede o sujeito branco, mas também como alteridade, ou seja, a personificação dos aspecto reprimidos pela sociedade branca».

«Memórias da Plantação», tornou-se uma importante contribuição para o discurso académico internacional. Obra interdisciplinar, que combina teoria pós-colonial, estudos da branquitude, psicanálise, estudos de género, feminismo negro e narrativa poética, esta é uma reflexão essencial e inovadora para as práticas de(s)coloniais.

O livro, também é memórias da plantão, porque ela está '*resgatando*' a situação das '*plantation*', que era onde os negros eram levados para trabalhar no período em que eram escravizados. Não sei se vocês chegaram a reparar, mas ao longo do «Memórias da Plantação», a Grada Kilomba, quase nunca usa a palavra escravo, preferindo a palavra escravizado, pois ela entende que escravo é uma condição inerente do ser humano como se ele ou ela tivesse nascido para isso, já escravizado é uma condição imposta, ninguém nasceu para ser escravizado, ninguém nasceu para ser escravizada.

Manuel Bernardo Gondola

Maputo, aos [20] de Dezembro 20[22]